

ENTREVISTA

PROF. DR. PAULO ROBERTO TONANI DO PATROCÍNIO

(UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, UFRJ)



Paulo Roberto Tonani do Patrocínio possui doutorado em Letras pela PUC-Rio. É Professor Adjunto do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ. É autor dos livros *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira* (7Letras/FAPERJ, 2013) e *Cidade de lobos: a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo* (Ed. UFMG/FAPERJ, 2015) e também co-organizador do livro de ensaio *Modos da margem, figurações da marginalidade na literatura brasileira* (Aeroplano, 2015), além de ter publicado diferentes artigos e ensaios sobre literatura no Brasil e no exterior.

REVISTA ESPACIALIDADES: Gostaríamos que o senhor começasse nos falando um pouco sobre sua formação acadêmica, temáticas analisadas e o que pesquisa atualmente.

PAULO TONANI: Sou formado em História, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e após o curso de graduação eu ingressei no Mestrado em Letras, atuando mais precisamente na área de Literatura, na mesma Universidade. Não vejo isso como uma ruptura ou uma mudança de rumos. Observo meu ingresso na área de Literatura como um percurso natural. Ao longo do meu curso de graduação tive contato com diferentes disciplinas que

elegiam o texto literário como objeto de análise. Na época, o curso de História da PUC-Rio era muito influenciado pela *Ecolé des Annales*, isso permitia a construção de abordagens que lançavam mão de obras literárias como fonte. Mas isso se relaciona a um campo teórico, em relação às temáticas eu tinha um olhar especial para o campo das favelas, nutrindo um grande interesse em relação à história das favelas do Rio de Janeiro. Este interesse é o resultado direto de uma relação pessoal com o território. Eu morei numa favela do Rio de Janeiro, na Rocinha, da infância até os 26 anos. Sou nascido e criado em uma favela, como popularmente se fala. Foi justamente na Rocinha que, ao lado de outros jovens pesquisadores e do professor Silvio de Almeida Carvalho Filho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, criamos um projeto de pesquisa sobre a história local, baseada fundamentalmente na coleta de depoimentos de moradores. O projeto visava a criação de um acervo com depoimentos de moradores, fotografias, matérias de jornal, etc. Esse movimento mobilizou um grupo de universitários da própria Rocinha a criarem o Museu da Rocinha Sankofa, com uma proposta de construção identitária a partir da memória local. Neste mesmo período, ainda no curso de graduação em História, eu acompanhava com grande interesse a produção literária contemporânea e me chamou a atenção um grande número de textos ficcionais que elegiam o espaço da favela como cenário da narrativa. Estou me referindo a romances como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins; *Inferno*, de Patrícia Melo; *Notícias do Mirandão*, de Fernando Molica; *O bandido*, de Ronaldo Alves; e outras obras. Eu consumia toda essa produção com grande interesse, mas fora de um olhar crítico e sem tratá-la como objeto de pesquisa. Ao me aproximar do término da graduação, eu tinha um grande interesse em continuar a vida acadêmica e sabia que tentaria o ingresso no mestrado. Escolher o campo de Letras, para estudar Literatura, foi uma decisão natural, assim como a escolha do meu objeto: a representação da favela na literatura. Mas no mestrado trabalhei em diálogo com algumas premissas dos Estudos Culturais, buscando responder a uma questão que organizou a coleta dos objetos e a análise crítica: qual a imagem da favela é construída na literatura e em outros discursos culturais? A resposta resultou na dissertação *Entre o morro e o asfalto, imagens da favela nos discursos culturais brasileiros*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do Departamento de Letras da PUC-Rio, sob a orientação do professor

Renato Cordeiro Gomes. Após a defesa do mestrado, ingressei no doutorado com um projeto de pesquisa sobre formas de autoridade e autorização discursivas sobre sujeitos e territórios silenciados. Em outras palavras, eu estava discutindo quem estava autorizado a falar sobre a periferia e a favela. Tal questão foi trabalhada de forma preliminar na dissertação, mas eu pretendia explorar esse campo no doutorado. Além disso, essa reflexão surgiu em decorrência da constatação da existência de um movimento literário na periferia de São Paulo, chamado Literatura Marginal, que cobrava para si a autorização e legitimação para narrar a favela e a periferia. Mas ao longo da pesquisa eu percebi que as questões sobre esse grupo de autores de periferia eram tantas que a tese ficou centrada numa análise sobre o próprio movimento. A tese foi defendida em 2010, também com a orientação do professor Renato Cordeiro Gomes e foi publicada em 2013, pela editora 7Letras, com financiamento da FAPERJ, sob o título *Escritos à margem, a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Com a conclusão do doutorado, eu retornei aos estudos sobre território, com um projeto de Pós-Doutoramento, realizado no Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, do Departamento de Letras da PUC-Rio, propondo uma análise das representações de territórios marginais na literatura brasileira. O projeto teve início em 2010 e término em 2014, devido ao meu ingresso no Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dessa forma, após o estudo sobre sujeito e autoria, que foi o objeto de minha tese, eu propus uma retomada da pesquisa de território e representação. Desta pesquisa resultou três importantes publicações, um foi a coorganização o livro *Modos da margem, figurações da marginalidade na literatura brasileira*, lançado em 2015, pela Aeroplano, com financiamento da Capes, e outros dois são de minha autoria: *Cidade de lobos, a representação de territórios marginais na obra de Rubens Figueiredo*, que está no prelo e deve ter o lançamento pela Editora UFMG em fevereiro de 2016, e da *Favelas e periferias, territórios marginais na literatura brasileira*, com previsão de lançamento no segundo semestre de 2016, sairá pela editora 7Letras, ambas as publicações contaram com o apoio da FAPERJ. Agora estou iniciando um outro percurso de pesquisa que busca discutir a construção da ideia de diferença nos Estudos Culturais, é uma pesquisa de

Pós-Doc desenvolvida no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da UFRJ, sob a supervisão da professora Beatriz Resende.

RE: A respeito da temática do nosso próximo dossiê, a saber, “Espaços da cultura e representações do espaço: entre o simbólico e concreto”, gostaríamos que o senhor comentasse um pouco sobre o papel do historiador nos estudos sobre cultura e ocupação dos espaços na cidade.

PAULO TONANI: Eu acredito que estudar cultura e ocupação de espaços na cidade é, antes de tudo, estudar uma disputa narrativa. Os muitos embates que vivenciamos no espaço físico da cidade são igualmente construídos e narrados em diferentes formatos, suportes e veículos por diferentes sujeitos pertencentes à distintos territórios da cidade. Michel de Certeau, em *A invenção do cotidiano 2*, nos diz que a cidade é o “teatro de uma guerra de relatos”. É exatamente isto que estou propondo como modelo de leitura da cidade. A breve definição apresentada por Certeau serve como ponto de referência para o estabelecimento de um horizonte de questões acerca da produção discursiva sobre a cidade. É possível identificarmos o princípio prismático da subjetividade que determina a forma de narrar e ler a cidade. Ao ser classificada enquanto palco de uma disputa discursiva, a cidade surge como espaço que se constrói não apenas em sua materialidade física, mas, igualmente, no próprio ato de narrá-la. O historiador deve estar atento a essa questão. Não apenas o historiador, claro, mas todos os pesquisadores que elegem a cidade como campo de pesquisa. Loïc Wacquant, em *Os condenados da cidade*, consegue em uma breve leitura de três distúrbios ocorridos na França, Inglaterra e Estados Unidos, no início dos anos 1990 identificar a ocorrência de um certo grito de revolta juvenil que marca a experiência do habitar nas grandes cidades do mundo. Ao ler os distúrbios de Vaulx-en-Velin, Bristol e Los Angeles como revoltas contra a pobreza, a recessão econômica e toda uma estrutura social e urbana que lança os jovens negros, imigrantes e de famílias operárias para as mais longínquas periferias, Loïc Wacquant não abandona a questão racial, mas nos coloca diante da gênese de um modelo de manifestação juvenil que vai marcar a experiência urbana

contemporânea. Estamos hoje presenciando a ampliação desses distúrbios e conflitos. Um exemplo disso é localizado nos muitos carros incendiados em Paris no ano de 2005 e também nos atentados realizados em 13 de novembro de 2015. Uma leitura de Paris, hoje, não pode nunca prescindir da leitura da presença dessas vozes e desses corpos. Em junho de 2013 identificamos algo semelhante no Rio de Janeiro. Nos protestos contra a realização da Copa do Mundo e contra o então governador Sérgio Cabral, foi a constância de um grito em busca por Amarildo que colocou em cheque a política de segurança pública e o projeto de pacificação das favelas. Se não fosse a presença dos *black blocs* que gritavam em frente ao Palácio da Guanabara “Cadê o Amarildo?”, certamente, hoje, não saberíamos que Amarildo, morador da favela da Rocinha, foi torturado e morto por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha. Outra narrativa se construiu a partir da resistência dos *black blocs* e foi evidenciada a exata militarização da chamada pacificação das favelas cariocas. O caso Amarildo é revelador da necessidade de construirmos contranarrativas que possam silenciar as narrativas oficiais que produzem ficções. Gosto de pensar que além de ser o palco no qual são encenadas as disputas e conflitos, para recuperar a imagem de Certeau, a cidade é também personagem e ator. Em uma apropriação do título do dossiê da revista – “Espaços da cultura e representações do espaço: entre o simbólico e concreto” – creio que os discursos habitam exatamente esse intervalo: entre o simbólico e o concreto. Afinal, a edificação da narrativa resulta no estabelecimento de uma imagem para a cidade que entra em choque com outras imagens já existentes, evidenciando a perpetuação de uma guerra de relatos. Por esse viés, não se trata do estabelecimento dos relatos enquanto verdades acerca da cidade, mas, sobretudo, como construções discursivas que refletem a subjetividade do sujeito que as produziu. Essa consciência da existência de múltiplas narrativas impulsiona a construção de formas de autorrepresentação de grupos minoritários que tradicionalmente foram silenciados. As formas de expressão para essas parcelas da cidade serão o *rap*, veículos comunitários, os saraus de *Slam poetry* e outras formas de discurso que resultam na criação de identidades coletivas. “O *rap* é a *CNN* da população negra americana”, a lúcida definição de Chuck D, membro do grupo de rap norte-americano *Public Enemy*, evidencia essa busca pela construção de uma voz

própria que possa narrar e tematizar o seu próprio local. Contra a *CNN* branca e burguesa se faz necessário construir um veículo de expressão que possa narrar a realidade de seu próprio em torno, uma outra *CNN*, agora negra e oriunda dos guetos norte-americanos, inclusive utilizando como suporte outra forma de expressão: o *rap*. Um historiador, assim como todos e qualquer pesquisador de cidade, deve ficar atento a esses muitos discursos.

RE: Em seu artigo “A ‘Não-Cidade’: a favela vista pelos cronistas do início do século XX”, publicado pela *Revista Transversos*, o senhor apresentou um olhar crítico sobre algumas representações idealizadas por cronistas do referido século ao tratarem das favelas do Rio de Janeiro. Ao trabalhar a favela como uma construção narrativa, quais as dificuldades encontradas na pesquisa ao se utilizar do gênero “crônica” como fonte documental?

PAULO TONANI: Creio que entre os gêneros literários – ainda que hoje a própria ideia de gênero literário seja amplamente discutida – a crônica certamente é um dos textos em que o historiador se sinta mais confortável para trabalhar e utilizar como fonte documental. A crônica, desde sua própria etimologia, está ligada ao tempo, ao tempo vivido e ao desejo de documentá-lo. As possíveis dificuldades encontradas por um historiador ao lidar com um texto literário são de alguma forma suavizadas devido o regime que organiza e estrutura o relato. Afinal, uma crônica expõe a percepção subjetiva do autor acerca do tema visitado. Isso pode ser percebido no predomínio do uso da primeira pessoa, o pronome “eu” permite ao historiador identificar que o texto apresenta uma percepção subjetiva sobre algo. Mas eu cheguei ao campo da crônica levado pelo percurso de pesquisa. O meu objeto era a favela e buscava localizar as formas de representação deste território. Na pesquisa eu observei que as primeiras representações da favela, produzidas nas duas primeiras décadas do século XX, foram veiculadas em forma de crônica publicadas em jornais. Não apenas há um predomínio na escolha do gênero, como também é possível identificar uma estrutura narrativa comum nos textos que analisei. Todos narram uma visita ao espaço da favela. Isso é um dado importante,

pois está diretamente ligado ao campo da crônica, é o gênero que permite a realização do relato de um evento vivido, de um episódio do cotidiano. Os quatro autores que estudei, João do Rio, Olavo Bilac, Benjamim Costallat e Orestes Barbosa, narram o percurso de entrada e saída de uma favela, visitam esse território e depois retornam para narrar essa espécie de viagem que empreendem. Não são contos ficcionais. São crônicas. Contudo, não leio tais textos como “fontes” que retratam o território marginal da cidade, mas, sim, como relatos que exibem de modo preciso a percepção de cada autor sobre a favela e a cidade.

RE: Ao tratar das representações sobre a favela carioca nas primeiras décadas do século XX, quais concepções teóricas de espaço o senhor utilizou?

PAULO TONANI: No início da pesquisa eu empregava a expressão “espaço”, na realidade o próprio projeto de pesquisa foi apresentado com o título de “Representações de espaços marginais na literatura brasileira”. Eu buscava analisar as representações da favela, subúrbio e periferia. São categorias quase que análogas. Ler o emprego de cada categoria revela o processo histórico de ocupação da cidade e, principalmente, o uso identitário que hoje se faz das expressões. Hoje a categoria predominante é periferia e foi disseminada por uma política identitária impulsionada por grupos ligados à cultura *hip-hop* que propuseram o apagamento das diferenças em nome de uma certa irmandade marginalizada. A produção de setores marginais na cidade de São Paulo é totalmente diferente do Rio de Janeiro e estas duas se opõem à Recife, mas é possível hoje, diante dessa política identitária, observar vozes de grupos locais que buscam enumerar as semelhanças entre os processos, o uso expressão periferia é uma evidência disso. No entanto, no percurso da pesquisa observei que o conceito de território seria mais rentável para a minha pesquisa, pois dentro do marco conceitual proposto pela geografia, território é o resultado da apropriação do espaço. Foi a partir da leitura de ensaios dos geógrafos Claude Raffestin, Gilnei Machado e Marcos Aurélio Saquet, para citar apenas alguns, que pude compreender melhor a distinção entre espaço e território. E foi amparado nas contribuições de Milton Santos e Rogério Haesbaert que identifiquei a relação entre

território e identidade, tratando o território não apenas enquanto recurso funcional, mas igualmente simbólico. Rogério Haesbaert tem oferecido importantes saídas teóricas para o debate sobre desterritorialização ao evidenciar a existência de um processo de multiterritorialidade. Tais concepções são importantes para promover uma leitura de territórios multifacetados como a favela e a periferia, onde ocorre a quebra da forma de ocupação regular da cidade. As favelas nos ensinam sobre ocupação, habitação e sociabilidade, mas é preciso deixar de observar apenas a precariedade e passar a ler a pulsão vital e a estrutura coletiva que se desenha em diferentes cidades do Brasil e do mundo. Foi Carlos Drummond de Andrade, no belo poema *Favelário nacional*, publicado em 1984, no livro *Corpo*, que evidenciou a disseminação destes espaços em diferentes países e em diferentes línguas. Tomo a liberdade de citar parte do poema. Ele tem o título de “Dentro de nós”, é o 16º fragmento do poema:

Dentro de nós

Guarda estes nomes: *bidonville, taudis, slum,*
with-town, sanky-town,
callampas, cogumelos, corraldas,
bongos, barrio paracaidista, jacale,
cantegril, bairro de lata, gourbville,
champa, court, villa miseria,
favela.

Tudo a mesma coisa, sob o mesmo sol,
por este largo estreito do mundo.

Isto consola?

É inevitável, é prescrito,

lei que não se pode revogar
nem desconhecer?

Não, isto é medonho,

faz adiar nossa esperança
da coisa ainda sem nome

que nem partidos, ideologias, utopias
sabem realizar.

Dentro de nós é que a favela cresce

e, seja discurso, decreto, poema

que contra ela se levante,

não para de crescer.

(Carlos Drummond de Andrade, *Favelário Nacional*)

A favela, na leitura de Drummond, é o resultado material de um sistema de marginalização perverso que alcança não somente o Brasil, mas o mundo como um

todo. Há um olhar que é próximo ao que será décadas depois produzido pelo urbanista americano Mike Davis, em *Planeta favela*. No entanto, mesmo que a favela seja um território produzido, o resultado de um modelo de organização das cidades que destina determinadas parcelas territoriais para o recebimento de homens, mulheres, jovens e crianças marginais, a favela se revela detentora de uma resistência e de uma estratégia de sobrevivência própria e não para de crescer, ainda que existam discursos, decretos e poemas que se voltam contra ela.

RE: Ao tratar sobre a crônica de João do Rio relativa à favela carioca, o senhor pontua que tal espaço era visto como exterior a urbe, “uma outra cidade, que muitas vezes nega a cidade oficial” (PATROCÍNIO, 2015, p. 11). Como o senhor percebe o problema da marginalização dos espaços na atualidade?

PAULO TONANI: O primeiro passo na questão é compreender o processo de produção desses territórios marginais. O uso do conceito marginal já demonstra uma saída estratégica para lidar com a questão, colocando em detrimento o conceito de exclusão, que é um conceito hierarquizante que pressupõe a existência de tais territórios como formas apartadas da cidade. Inclusive, trata-se de um conceito etnocêntrico, que observa na população residente nas favelas, periferias e subúrbios como excluídos da cidadania e não atuantes na esfera pública da cidade. No Rio de Janeiro tornou-se comum imaginar a cidade dentro de uma lógica binária. Tal modelo de leitura surgiu em decorrência da publicação do livro reportagem *Cidade partida*, do jornalista Zuenir Ventura. A leitura de Zuenir é por excelência uma análise etnocêntrica que resulta numa percepção equivocada sobre as favelas. São muitos os equívocos, a começar pelo binarismo criado pelo autor ao dividir a cidade em dois polos, organizando sua leitura entre civilização e barbárie. Zuenir também reproduz o discurso da falta ao descrever a favela, nomeando as casas com reboco aparente como um bairro inacabado, sem perceber que aquelas casas são a materialização de uma poupança dos moradores transformada em argamassa. A ideia de uma cidade partida propõe a existência de um plano civilizado, solar e consciente de sua atuação política, em oposição à barbárie, o desconhecido e a

exclusão política. Romper com esse binarismo é importante e diferentes pesquisadores estão propondo modelos de leitura da cidade fora dessa lógica. Posso citar como exemplo o livro de Adair Rocha, *Cidade cerçada*, e o livro *O novo carioca*, obra coletiva assinada por Jailson de Souza Silva, Jorge Luiz Barbosa e Marcus Vinicius Faustini. As duas publicações surgem como uma forma de resposta à leitura de Zuenir Ventura que propõe a feição bipartida para o Rio de Janeiro. No entanto, em ambos os livros a crítica ao modelo interpretativo que aponta para a existência de uma cidade partida não significa a apagamento das diferenças e desigualdades sociais. Primeiro é necessário evidenciar o protagonismo dos sujeitos marginalizados, tratando-os não apenas como objetos do olhar do intelectual. Ao romper com modelos hierárquicos e etnocêntricos, um pesquisador consegue compreender a favela não apenas na lógica da falta, da ausência e da barbárie. Um texto que dramatiza essa alteridade entre a favela e a cidade é o romance *Texaco*, de Patrick Chamoiseau, um escritor martinicano. A *Texaco* do título é o nome de uma grande favela de Fort-de-France, criada próxima às terras da multinacional petrolífera homônima. O romance narra o momento de entrada de um urbanista na favela, quando este recebe uma pedrada que o deixa desacordado. Em busca de segurança, o urbanista, que tem o nome de Cristo, vai para a casa da líder comunitária Marie-Sophie Laborieux. Lá ele ouve da personagem toda a história de sua família, que se confunde com a história da Martinica, que na realidade é a narrativa do processo de conquista e avanço sobre a cidade. Diante de uma cidade que busca silenciar e apartar essa população, o ato de residir é resistir. Precisamos ouvir relatos como os da personagem Marie-Sophie Laborieux, assim como os da escritora Carolina Maria de Jesus, uma negra catadora de papel moradora da extinta favela do Canindê em São Paulo que teve seus diários publicados na década de 1960. Essas duas vozes femininas descrevem o problema da marginalização dos espaços da cidade.

RE: Qual sua opinião sobre a conscientização que a população em geral tem sobre a favela. Até que ponto a favela é ainda vista com discriminação?

PAULO TONANI: Desde fins de 1990 e início dos anos 2000 que localizamos um bom número de produtos midiáticos que tematizam a vida na favela. Trata-se de um certo fenômeno. Alguns produtos surgem em decorrência da ascensão da classe C e D, que passam a ser consumidores de produtos fílmicos e televisivos. Mas outros revelam a permanência de um antigo fetiche de certos setores da camada média em travar contato com a desconhecida vida das favelas. Além disso, outro importante fenômeno é a produção que se origina nos próprios espaços da favela, seja no campo do audiovisual ou na produção literária. Essa construção de uma voz própria é importante para deter a própria imagem. Penso que todas as produções citadas aqui na resposta atuam como forma de mediação. Serão os filmes, novelas, romances, minisséries, e outros, que irão propagar imagens sobre uma população que é em grande parte silenciada. Deter o poder de narrar é deter o controle sobre sua imagem. O pensamento de Michel Foucault nos ajuda a compreender essa disputa. Afinal, conforme Foucault nos questiona em *A ordem do discurso*: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?”. O perigo repousa exatamente no discurso, no ato de narrar e descrever o Outro. Tal leitura revela que o discurso não é somente o espaço que traduz lutas e sistema de dominação, o discurso é, nas palavras do próprio Foucault, “aquilo por que se luta, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”. Há discriminação quando não nos apoderamos do discurso. Dessa forma, a discriminação era maior, mas ainda persiste.

RE: Por fim, pedimos que o senhor deixe uma mensagem aos interessados nos temas que abordados.

PAULO TONANI: O pesquisador que elege a cidade como palco de sua pesquisa tem uma espécie de missão, um encontro com a própria rua. Ainda que o estudo seja relativo a uma abordagem histórica, ou no meu caso relacionado a leitura

de textos literários contemporâneos, o gabinete nunca se configura como o espaço de produção desse pesquisador. Há uma espécie de interpelação da própria temática que move nosso olhar para a rua e para uma leitura do tempo presente. Hoje o Rio de Janeiro vive o impacto da realização de dois grandes eventos. Um já deixou suas marcas. A Copa do Mundo. O próximo serão os Jogos Olímpicos. No intervalo entre a escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos e o evento, presenciamos a remoção autoritária de favelas na Zona Oeste, a expulsão de inúmeros moradores da Zona Portuária para dar lugar ao projeto Porto Maravilha e o processo de gentrificação da região central da cidade, em especial o Morro da Conceição, que aumentou o custo de vida na localidade, resultando na migração da população pobre para áreas afastadas da cidade. Por fim, ainda dentro da leitura dos impactos da realização dos Jogos Olímpicos, presenciamos o absurdo processo de ocupação militar da Favela da Maré pelas Forças Armadas, que adentrou com tanques militares as ruas de terra batida. Soma-se a isto o verdadeiro genocídio dos jovens negros que residem nas favelas e periferias da cidade. Amarildo Dias de Souza, morto por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora da Rocinha; Douglas Rafael da Silva Pereira, o DG, morto por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora do Pavão-Pavãozinho; Cláudia Silva Ferreira, baleada por policiais e depois teve seu corpo arrastado por mais de 350 metros por uma viatura; Eduardo, morto com um tiro de fuzil na cabeça deflagrado por um policial; Roberto Silva de Souza, Wilton Esteves Domingos Júnior, Carlos Eduardo Silva de Souza e Wesley Castro Rodrigues, os cinco jovens mortos pela polícia em Costa Barros e outros muitos anônimos e anônimas que são as vítimas de uma política de segurança pública que exhibe números alarmantes de homicídios. A mensagem que posso deixar para aos interessados nos temas abordados é que ler a cidade é ler essas questões.

REFERÊNCIA

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. A “não-cidade”: a favela vista pelos cronistas do início do século XX. **Transversos**, Rio de Janeiro, v. 03, n. 03, out.–mar. 2014/2015.